



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

VITOR ALEXANDRE COSTA SILVA

**DO TOQUE AO SENTIDO:
PESQUISA-INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS
USANDO TABLETS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Maceió – AL
2025**

VITOR ALEXANDRE COSTA SILVA

**DO TOQUE AO SENTIDO: PESQUISA-INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS
USANDO TABLETS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Artigo Científico apresentado ao Colegiado do
Curso de Pedagogia do Centro de Educação da
Universidade Federal de Alagoas como requisito
parcial para obtenção da nota final do Trabalho de
Conclusão de Curso (TCC).**

Orientador: Cleriston Izidro dos Anjos

VITOR ALEXANDRE COSTA SILVA

**DO TOQUE AO SENTIDO : PESQUISA-INTERVENÇÃO COM
CRIANÇAS USANDO TABLETS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador: Cleriston Izidro dos Anjos

Artigo Científico defendido e aprovado em: 26/11/2025.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Cleriston Izidro dos Anjos
Universidade Federal de Alagoas
Presidente / Orientador

Profa. Dr. Fábio Hoffmann Pereira
Universidade Federal de Alagoas
Examinador

Prof. Me. Alyssandra Fabrícia Ferreira Barros
Secretaria Municipal de Educação de Pilar, AL
Examinador

Maceió – AL
2025

DO TOQUE AO SENTIDO: PESQUISA-INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS USANDO TABLETS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vitor Alexandre Costa Silva
email: vitor.costa@cedu.ufal.br

Cleriston Izidro dos Anjos
email: cianjos@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo “Do toque ao sentido: pesquisa-intervenção com crianças usando tablets na Educação Infantil” analisa a relação de crianças de 4 a 5 anos com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, em especial os tablets, em uma turma da rede pública (CApTV/UFAL). Tem como objetivo compreender como se configuram práticas educativas mediadas por esses dispositivos, focalizando as interações entre as crianças e entre elas e os adultos, bem como as contribuições e desafios de sua inserção pedagógica. Trata-se de uma pesquisa-intervenção de abordagem qualitativa, que articula revisão sistemática da literatura produzida no Brasil e investigação de campo. A geração de dados envolveu observação participante, videogravações, entrevistas com a professora e questionários com responsáveis, organizados em oito oficinas com uso de tablets. Os resultados indicam que o uso intencional e mediado dos dispositivos pode ampliar experiências de aprendizagem, favorecer a autoria infantil e estimular a busca ativa de informações pelas crianças, que recorrem aos tablets para responder a curiosidades e expandir repertórios. Ao mesmo tempo, emergem preocupações de responsáveis com o tempo de exposição às telas e com a qualidade dos conteúdos acessados em casa, o que evidencia a necessidade de maior diálogo entre escola e família. O estudo defende a integração crítica das TDIC como parte do direito das crianças a artefatos culturais contemporâneos e ressalta desafios de infraestrutura e formação continuada, para que a tecnologia atue como meio de desenvolvimento integral, e não como fim em si mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Tecnologias Digitais. Educação Infantil. Interações. Pesquisa-Intervenção.

ABSTRACT

The article “From Touch to Meaning: An Intervention-Research with Children Using Tablets in Early Childhood Education” analyzes the relationship of children aged 4 to 5 with Digital Information and Communication Technologies (DICTs), particularly tablets, in a public school classroom (CApTV/UFAL). It aims to understand how educational practices mediated by these devices are configured, focusing on the interactions among children and between them and adults, as well as the contributions and challenges of their pedagogical integration. This is an intervention-research with a qualitative approach, which articulates a systematic literature review produced in Brazil and a field investigation. Data generation involved participant observation, video recordings, interviews with the teacher, and questionnaires with guardians, organized into eight workshops using tablets. The results indicate that the intentional and mediated use of the devices can broaden learning experiences, foster children’s authorship, and stimulate an active search for information by the children, who use tablets to answer curiosities and expand their repertoires. At the same time, concerns from guardians emerge regarding screen time and the quality of content accessed at home, which highlights the need for greater dialogue between school and family. The study advocates for the critical integration of DICTs as part of children’s right to contemporary cultural artifacts

and underscores challenges in infrastructure and continuing education, so that technology may act as a means for integral development, and not as an end in itself.

KEYWORDS: Childhood. Digital Technologies. Early Childhood Education. Interactions. Intervention-Research.

1 INTRODUÇÃO

O artigo intitulado “Do toque ao sentido: pesquisa-intervenção sobre o usos de tablets na educação infantil”, parte de uma pesquisa mais vasta de iniciação científica, a saber, “Educação Infantil e tecnologias digitais: um estudo com crianças pequenas e com seus educadores” com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – FAPEAL (Edital 003/2022 – Auxílio à Pesquisa Humanidades) e com bolsa de iniciação científica PIBIC-CNPq/FAPEAL/UFAL (2022–2024), coordenada pelo Prof. Dr. Cleriston Izidro dos Anjos.

A pesquisa buscou compreender as possíveis relações entre crianças de 4-5 anos com os dispositivos móveis, em específico tablets, por meio da análise dos processos de interação das crianças entre si e com esse artefato tecnológico e do mapeamento das contribuições e desafios para práticas pedagógicas com esta tecnologia digital por meio de revisão de literatura e trabalho de campo.

Importante lembrar que, a Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) traz uma atualização importante em 1996, quando compreende a Educação Infantil (EI) como primeira etapa da educação básica, promovendo assim o desenvolvimento integral das crianças até os seis anos de idade. Um grande avanço no direito da criança pequena, como dizem Anjos, Duarte e Santiago (2025), pois torna visível a importância do bem-estar e promoção do desenvolvimento emocional, físico, motor, social e intelectual da criança, bem como expandir suas experiências.

A incorporação das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) na Educação Infantil é um princípio previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). Conforme o artigo 9º e seu 12º inciso, as práticas pedagógicas devem prever a utilização de diversos recursos, tais como computadores, projetores, gravadores e máquinas fotográficas, além de outros meios tecnológicos e midiáticos (Brasil, 2009, p. 22).

Ainda que, o documento citado gere dúvidas, reflexões e controvérsias entre os docentes e pesquisadores, é importante trazer sua contribuição para esta pesquisa, pois as

“[...] DCNEI buscaram em seus propósitos considerar, em diferentes perspectivas, a valorização das experiências infantis no processo de elaboração das práticas educativas [...]” (Perez, Persicheto, 2020, p. 103)

Diante deste marco, torna-se relevante compreender como se formam os processos de letramento digital na primeira etapa da educação básica, entendidos como capacidades de localizar, interpretar, produzir e compartilhar informações no e pelo digital (Takaki, 2012 apud Anjos, 2015).

As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) e sua utilização por crianças se torna interesse dessa pesquisa pois, no cotidiano das crianças em nossa sociedade, a convivência constante com smartphones, tablets e computadores se torna alvo de preocupações de educadores/as e demais profissionais que atuam com crianças pequenas. De acordo com Souza (2019, p. 408), “[...] é por meio da aquisição que os adultos fazem das tecnologias que, de forma direta, as crianças pequenas se aproximam e se inserem na cultura digital”, caracterizando-se assim a entrada no letramento digital.

No que diz respeito ao letramento digital, pode-se afirmar que:

[...] o conceito de letramento digital pressupõe uma capacidade de interação com outros sujeitos por meio das TDIC, bem como se refere à capacidade de buscar informações para delas extrair conhecimentos e este trabalho deve considerar os interesses, necessidades e usos sociais desses elementos da cultura, de modo que, para além de obter informações, a criança possa construir conhecimentos de mundo e de si [...] (Anjos, 2015, p. 88-89).

Segundo Brito e Dias (2017 apud Santos; Joaquim; Anjos, 2023, p. 8) o fato de as “[...] tecnologias digitais estarem presentes nos lares e incluídas nas rotinas diárias das famílias faz com que as crianças estejam expostas a elas e que utilizem os dispositivos digitais cada vez mais cedo [...]” com maior ou menor frequência, maior ou menor intimidade, as crianças têm acesso a este meio de comunicação, expressão e elemento da cultura humana.

Muito se discute sobre o uso das tecnologias digitais na educação infantil, como apontam Anjos, Duarte e Santiago (2025), visto que alguns defendem o uso das crianças nas instituições de educação infantil e outros preocupam-se com os impactos negativos no desenvolvimento infantil. Sabe-se que o uso dos artefatos tecnológicos na EI se configura como um direito das crianças, pois as crianças devem ter contato com os muitos artefatos culturais, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC gera muitos debates que não serão adentrados neste artigo, se trata de uma base que foi inserida em contexto de acordos e confrontos, visando uma proposta educativa que não se limitasse por

conteúdos curriculares pré-estabelecidos, como aponta Marcia Souza (2016), no que tange sua proposta:

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia (Brasil, 2017b, p. 30).

Ainda que a idéia de infância tenha servido, paradoxalmente, como escudo contra um mundo adulto inserido na lógica do capital que produz sua morte, já que a história da criança é a história da violência, do espancamento, da fome, da invisibilidade, da desqualificação, é preciso que se pense numa educação para a multidão, para que se faça, de fato, uma educação para a criança, levando em conta suas multiplicidades, itinerâncias, singularidades.

Nessa perspectiva, Anjos (2015) faz uma provocação: quem está olhando para as crianças, seus interesses e necessidades quando elas têm a possibilidade de utilizar as tecnologias digitais da informação e da comunicação? Para o autor, isso se constitui como ponto de partida para o debate sobre a possível ou não presença das TDIC em contexto de Educação Infantil. Pois, quando se fala de Educação Infantil “[...] é preciso que se pense numa educação para a multidão, para que se faça, de fato, uma educação para a criança, levando em conta suas multiplicidades, itinerâncias, singularidades [...]” (Abramowicz et al. 2009).

Além disso, muito se discute sobre riscos e benefícios das TDIC na vida das crianças que já acompanham o tema antes mesmo do período pandêmico da Covid-19, pois a exigência de isolamento físico para evitar a propagação da doença impossibilitou, durante extenso período, as atividades presenciais que são tão necessárias na educação das crianças de 0 a 5 anos e 11 meses (Anjos; Francisco, 2021). Isso acentuou ainda mais o debate, sobre a presença das tecnologias digitais na vida das crianças, já que as atividades presenciais foram suspensas e o uso de aparelhos tecnológicos no interior das residências se tornou ainda mais visível.

Embora pesquisas mais recentes indiquem o aumento considerável da presença da internet nos domicílios brasileiros, é preciso ponderar que ainda existe uma parcela significativa de excluídos e excluídas digitais. A pesquisa TIC Domicílios (2025) feita no ano que antecede sua publicação revela que:

[...] 83% dos domicílios brasileiros tinham acesso à Internet em 2024, proporção que se manteve estável em comparação com 2023 (84%). Também permaneceu estável a presença de Internet nos domicílios por classe, sendo de 100% nos domicílios da classe A, 99% nos da classe B, 91% nos da classe C e 68% nos domicílios das classes DE, o que demonstra a manutenção da desigualdade socioeconômica do acesso à rede entre os domicílios brasileiros (TIC Domicílios, 2025, p. 61).

Ainda sobre as versões anteriores da revista, (TIC Domicílios, 2023, p. 61) indica que em “[...] 2022, a proporção de domicílios com acesso à Internet no Brasil foi de 80%, o que equivale a cerca de 60 milhões de domicílios [...]” correspondendo a um aumento, comparando com a pesquisa anterior desta revista, que constatou 59 milhões de domicílios com acesso a internet no Brasil, publicada em 2022 referente ao ano de 2021, ou seja, durante a pandemia. Outra questão que é preciso considerar é o fato de que o Brasil é um país com dimensões continentais, com diversos contextos e cotidianos e com muitas desigualdades sociais e educacionais, situação que ficou ainda mais evidente com a pandemia (Anjos; Pereira, 2021; GEPPECI, 2020; Macedo, 2020; Mello; Negreiros; Anjos, 2020; Santos; Saraiva, 2020; Tavares; Pessanha; Macedo, 2020; Campos, 2020; Gobbi, Pito, Meléan, 2020, dentre outros).

A desigualdade no acesso à internet e a recursos tecnológicos potencializa a exclusão digital e social, causando sofrimento e a violação de direitos fundamentais a muitos brasileiros. A pandemia de Covid-19 tornou essa realidade ainda mais evidente (Anjos; Francisco, 2021).

Para Souza (2019) há uma relação complexa no qual, por um lado, os aparatos tecnológicos se estão presentes na contemporaneidade como elementos simbólicos das culturas infantis e influenciam significativamente temas como as brincadeiras das crianças e, outros, que sinalizam os aspectos socioeconômicos das famílias, um fator que limita o uso desses aparatos em escolas públicas. Além disso, a falta de políticas públicas, que englobam toda a Educação Básica, afetam o uso das TDIC.

No Brasil algumas iniciativas do uso de Informática na Educação Infantil também podem ser encontradas. Elas reforçam a necessidade de se fomentar a discussão desta prática, já que por ainda não existir uma cultura de utilização de tecnologia neste nível de ensino no país, são poucas as reflexões a esse respeito e lhes faltam aporte teórico como fundamento para as experiências descritas, sem um contraste profundo com abordagens teóricas da utilização de computadores para as crianças com idade entre zero e cinco anos (Carneiro; Raabe, 2015, p. 56).

Os autores também mencionam o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), criado em 1997 com a meta de levar ferramentas tecnológicas para as redes públicas de ensino fundamental e médio (Carneiro; Raabe, 2015). No entanto, os critérios de participação excluem escolas que atendem à Educação Infantil, o que resulta no não atendimento dessa etapa da Educação Básica pelas TDIC.

Oliveira, Moura e Souza (2015) apontam em sua pesquisa que há vantagens notórias na incorporação das TDIC em várias áreas, inclusive na educação, desde que sejam

bem empregadas e muito utilizadas, pois a educação é basilar e prepara os indivíduos para a vida em sociedade.

Considerando a necessidade de pensar sobre a temática de uso das TDIC na EI como uma forma de contribuição para a educação das crianças pequenas e, considerando a pesquisa realizada por Anjos (2015), optou-se pelo tablet como aparato tecnológico a ser utilizado nesta pesquisa. Essa escolha, leva em consideração as características descritas por Lanzi, Ferneda e Vidotti (2011 apud Anjos, 2015, p. 36):

mobilidade, pois são materiais leves e de pequeno porte; praticidade, pois agregam diversas funções (computador portátil, smartphone, dentre outras); facilidade, pois os comandos são realizados a partir de toques na tela; diversão, pela possibilidade de assistir vídeos, realizar leituras, ouvir músicas, dentre a realização de outras atividades; diversidade de aplicativos, com funções que facilitam as tarefas a serem executadas pelos usuários, tais como: envio de mensagens, utilização das redes sociais, dentre outras tarefas.

Os tablets são comumente atraentes para as crianças, pois eles possuem a possibilidade de serem usados em diversos lugares, além de infinitas possibilidades lúdicas quando colocam as crianças frente a um mundo sem fronteiras (Zanardes, 2018). Os tablets permitem a potencialização e aumenta, de forma fácil, a possibilidade do fazer educativo (Valletta, 2015).

O estudo tem como objetivo geral compreender como se desenvolvem práticas educativas mediadas por tablets (TDIC) na Educação Infantil pública com crianças de 4–5 anos. Especificamente, busca: (a) descrever e analisar as interações criança-criança e criança-adulto durante o uso dos tablets, considerando modos de participação, mediações docentes e dinâmicas de pares; e (b) mapear contribuições e desafios da inserção pedagógica de recursos tecnológicos e midiáticos — em especial os tablets — para qualificar experiências de aprendizagem em diálogo com os eixos curriculares da EI (interações e brincadeiras), contemplando aspectos de acesso, infraestrutura, formação docente e intencionalidade pedagógica.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa observou rigor ético desde sua submissão e aprovação ao Comitê de Ética em Pesquisa via Plataforma Brasil, conforme a Resolução CNS no 466/2012. Foram adotados Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para responsáveis), Registro/Termo de Assentimento Livre e Esclarecido com as crianças (com registro em vídeo) e Termo de Autorização de Uso de Imagem. A confidencialidade foi garantida por meio da anonimização dos participantes e do uso sistemático de pseudônimos (para adultos e crianças), além do

cuidado com registros visuais para impedir identificação. Os termos explicitaram direitos, responsabilidades, riscos/benefícios e canais de contato com o CEP/UFAL.

Metodologicamente, trata-se de estudo qualitativo, de natureza pesquisa-intervenção, estruturado em dois eixos: (i) revisão sistemática de literatura (RSL) e (ii) investigação de campo. A RSL cobriu o território nacional (2013–2023) nas bases Oasisbr e Banco de Teses e Dissertações da CAPES, com cadeias de busca específicas para Educação Infantil, TDIC/tablets, letramento digital, ludicidade/prática; foram aplicados critérios explícitos de inclusão/exclusão e organizadas questões-problema (apropriação tecnológica das crianças pequenas; letramento digital aos 4–5 anos; e trabalho docente com TDIC).

O trabalho de campo ocorreu em uma instituição pública de Educação Infantil (CApTV/UFAL), em turma do 1º período (crianças de 4–5 anos), em parceria com a professora da sala. As estratégias de produção de dados incluíram observação participante com registros em diário/“notas”, videogravações, entrevista com professora e questionário aos responsáveis, articuladas a oficinas mediadas por tablets planejadas com a equipe. Foram realizadas oito sessões (≈15–30 minutos) para respeitar a rotina do grupo; assegurou-se sigilo por pseudônimos e padronização de procedimentos. O suporte material envolveu tablets disponibilizados à turma e equipamento de registro, com apoio eventual de um educador para filmagem, de modo a liberar o pesquisador para interações em campo.

3 INTERAÇÃO CRIANÇA-ADULTO; CRIANÇA-CRIANÇA; USOS DO TABLET E; DESAFIOS E POTENCIALIDADES.

3.1 INTERAÇÃO CRIANÇA-ADULTO

Neste subtópico será descrito o contexto da pesquisa na turma de Educação Infantil, fornecendo informações sobre a composição da equipe pedagógica e dos alunos; estabelecendo dessa forma o cenário para as interações.

Ao ser apresentada a pesquisa, a gestora e a gestora adjunta demonstraram acreditar que a proposta da pesquisa era interessante para despertar o interesse e a curiosidade das crianças, tendo em vista que, na instituição as crianças não têm contato com aparelhos tecnológicos, sem contrapontos.

Para garantir o sigilo dos envolvidos na pesquisa e principalmente o das crianças, foram atribuídos nomes fictícios relacionados à animais para todos os integrantes da turma. A equipe pedagógica da turma é composta por uma professora (Joaninha), uma professora

auxiliar (Betta), uma profissional de apoio escolar (PAE) que acompanha uma criança (Baleia) e um PAE (Wallaby) de apoio que acompanha uma outra criança.

A turma é composta por 17 crianças, porém algumas só frequentam a instituição no período da tarde, enquanto outras ficam em período integral, aqui serão dados todos os nomes que compunham a turma, sendo eles: Aranha, Halicores, Hamster, Irara, Iratim, Íbis, Jaú, Lagarta, Lontra, Mariposa, Muriçoca, Peru, Rouxinol, Salmão, Touro, Varanus e Zangão.

No que diz respeito a interação no contexto escolar, obteve-se resposta na entrevista com a professora da turma, quando lhe foi perguntado se ela fazia uso de recursos tecnológicos em suas atividades, ela respondeu:

Sim! Geralmente eu uso vários, são variados desde os mais simples como o lápis, a tesoura, a lupa, esses mais do cotidiano, como os outros também: retroprojetor, data show, celular, TV, o computador. Eu uso de várias formas depende do tema que eu estiver trabalhando com as crianças e dos interesses também, mas, por exemplo o projetor para projetar um vídeo ou um filme que é a função principal, mas também muitas vezes para elas brincarem, para experimentarem as luzes e as sombras com o próprio corpo. (Entrevista concedida por Professora da turma, Maceió, 2024).

A resposta revelou que as crianças não tinham contato com tablets nas atividades da escola; desse modo, o tablet, artefato tecnológico a ser usado nas oficinas, se tornou uma TDIC interessante para as propostas pedagógicas da professora; como pode-se ver na conversa abaixo feito de um recorte de uma das sessões (que será melhor exposto na próxima subseção) com a turma, a exemplo:

— Olha o que o Halicores perguntou. — fala Joaninha. — O Halicores perguntou se a formiga vira uma aranha, já que a lagarta vira uma borboleta — completa Joaninha, com um ar de riso, igualmente como Baleia e P1 que ficaram ouvindo a fala dela. — Será que a formiga vira uma aranha? — Indaga Joaninha. — Será que a formiga tem metamorfose igual a borboleta? — pergunta Mariposa. Então Joaninha diz — Será? Vamos pesquisar juntos? (Registro de observação de campo, realizado em Maceió, 2024).

Nesta conversa, vê-se a escuta da professora, a amplificação da dúvida da criança e a proposta da pesquisa utilizando o recurso tecnológico. À medida que a professora escuta e expõe a curiosidade da criança, ela adota uma postura não passiva, segundo Abramowicz et al. (2024). Citando Antonio Gariboldi, configura-se deste modo um ambiente que é lugar de vida infantil, para além de objetivos prontos e acabados institucionalmente (Abramowicz et al. 2024)

Para esta pesquisa em campo foram elaboradas ferramentas, além da entrevista com a professora da turma, que viabilizassem a prática, a exemplo, o registro de consentimento livre e esclarecido (RCLE) para os pai, mãe ou tutor(a) legal das crianças, o registro de assentimento livre e esclarecido (RALE) com as crianças e registrado em vídeo gravação, o

termo de uso de imagem e o questionário para os pai, mãe ou tutor(a) legal das crianças, pois com a intenção de saber sobre a relação de percurso e usos que as crianças estabelecem com as TDIC, as propostas das oficinas devem respeitar essa relação mesmo que não corresponda às expectativas do pesquisador (Anjos, 2015).

Por meio do questionário buscou-se ter mais clareza do quanto as crianças estão familiarizadas com as tecnologias digitais em seu cotidiano no âmbito familiar. O questionário para cada criança totaliza-se em 16, no qual obteve-se retorno de uma certa quantidade de responsáveis, a saber, 8 devolutivas.

As perguntas feitas nos questionários foram: (1) Quais dispositivos digitais (como tablets, smartphones, computadores, etc.) seu filho utiliza em casa, com que frequência ele os usa; (2) Quais tipos de atividades seu filho realiza com esses dispositivos, (por exemplo: assistir vídeos, jogar, usar aplicativos educativos, etc.); (3) Você estabelece algum limite de tempo para o uso desses dispositivos pelo seu filho, se sim, quais são esses limites; (4) Quais medidas de segurança ou controle parental você utiliza para monitorar o acesso do seu filho a conteúdos digitais; (5) Além de casa, em quais outros lugares seu filho tem contato com tecnologias digitais, como esses contatos ocorrem (por exemplo: na casa de familiares, em passeios, etc.); (6) Qual é a sua opinião sobre o uso de tecnologias digitais por crianças; (7) Você tem alguma dúvida ou preocupação específica sobre o uso de tecnologias digitais por crianças, se sim, quais são.

No que se segue, apresenta-se um quadro com a percentagem de cada resposta com relação às questões propostas, onde cada família possui valor de 12,5% na soma da percentagem final.

Tabela 1 - Percentagem de respostas por questão

QUESTÕES E RESULTADOS FINAIS		
QUESTÃO 1	Quais dispositivos digitais (como tablets, smartphones, computadores, etc.) seu filho utiliza em casa? Com que frequência ele os usa?	100% dos representados usam algum tipo de tecnologia digital: Computador, TV, Smartphone ou similares.
QUESTÃO 2	Quais tipos de atividades seu filho realiza com esses dispositivos? (Por exemplo: assistir vídeos, jogar, usar aplicativos educativos, etc.)	100% usam para assistir vídeos. 87,5% usam para jogos. 12,5% usa para alguma outra atividade (ligações, por exemplo).

QUESTÃO 3	Você estabelece algum limite de tempo para o uso desses dispositivos pelo seu filho? Se sim, quais são esses limites?	75% dos responsáveis estabelecem alguma restrição; 25% não impõem nenhuma restrição.
QUESTÃO 4	Quais medidas de segurança ou controle parental você utiliza para monitorar o acesso do seu filho a conteúdos digitais?	50% adotam algum recurso digital de controle parental. 50% não adotam nenhum recurso digital para controle parental. 100% demonstra cuidado com o conteúdo.
QUESTÃO 5	Além de casa, em quais outros lugares seu filho tem contato com tecnologias digitais? Como esses contatos ocorrem? (Por exemplo: na casa de familiares, em passeios, etc.)	12,5% não fazem uso em outros ambientes. 87,5% usam em outros ambientes além do doméstico.
QUESTÃO 6	Qual é a sua opinião sobre o uso de tecnologias digitais por crianças?	37,5% não aprovam o uso dessas tecnologias. 62,5% consideram benéfica. 100% defendem que a exposição deve ser controlada.
QUESTÃO 7	Você tem alguma dúvida ou preocupação específica sobre o uso de tecnologias digitais por crianças? Se sim, quais são?	87,5% demonstram preocupação. 12,5% não demonstra preocupação.

Fonte: Autor, 2024.

A interação mapeada por meio do questionário revela que 100% dos representados usam algum tipo de tecnologia digital (computador, TV, smartphone ou similares) e que 75% dos responsáveis estabelecem alguma restrição de tempo para o uso. Ainda, 100% demonstram cuidado com o conteúdo consumido pelas crianças.

Corroborar com a fala da professora quando foi perguntado para ela na entrevista pelo com o pesquisador se ela considerava importante alguma informação sobre as crianças e suas famílias que ela achava pertinente falar, então ela respondeu:

“Acho que pode ser algo importante a questão de que essa turma ou essa escola também tem um contato com as tecnologias, elas têm um acompanhamento da família que talvez me parece ser diferenciado da maioria das crianças que eu já trabalhei, por serem pessoas que estão estudando, são estudantes que estão em formação, são professores, são pesquisadores, são pessoas que tem um olhar mais sensível talvez para desenvolvimento da criança e tem também um acompanhamento maior. (Entrevista concedida por Professora da turma, Maceió, 2024).

Anjos (2015) explicita claramente que o letramento digital propicia espaços discursivos ímpares por se tratar de uma temática nova e riquíssima em temas para esclarecimentos. Em grande medida os responsáveis demonstram preocupação com relação às limitações de conteúdo. O incômodo que algumas ferramentas apresentam ao propor um conteúdo não indicado para a faixa etária que consome sob signos que mascaram sua natureza.

3.2 INTERAÇÃO CRIANÇA-CRIANÇA

Essa interação foi analisada durante as sessões da pesquisa com os tablets por meio dos registros de observação de campo. Foi mantido um diálogo entre o pesquisador e a professora para alinhar o uso do tablet com as propostas pedagógicas pensadas pela professora, quando possível. Ademais, será apresentado um recorte dos registros com conversas das crianças entre seus pares e observações feitas, de algumas sessões, com interferência mínima dos adultos.

3.2.1 Sessão 1

Nesta sessão, optou-se pela exploração livre para observar as crianças quanto aos interesses, usos, interações que se estabeleceriam ou não. Pode-se observar a familiaridade que as crianças têm com os aparatos tecnológicos.

— Como é que liga? Cadê o joguinho? — pergunta Iratim, com o tablet já ligado, porém com a tela bloqueada. — Você quer joguinho é? E o tablet tem Joguinho? — pergunta Joaquinha para ela, então Iratim fica observando o aparelho sem responder e dá para o pesquisador. — Oi, Iratim. Você quer ajuda? — pergunta o P1 a menina e ela balança a cabeça com um sinal positivo. — Cadê? Você tem que desbloquear — diz o pesquisador, ao pegar o tablet de Iratim e ver que o aparelho estava bloqueado, em seguida devolve para a criança.

Rouxinol estava com o seu tablet desbloqueado e se ofereceu pra desbloquear o da Iratim, depois o Halicores conseguiu desbloquear o dele e Rouxinol também desbloqueou o de Iratim, depois ele devolveu para sua colega e foi usar seu tablet que já estava aberto em um jogo, e enquanto isso Lagarta já estava jogando em seu tablet sozinha, antes de se juntar com Varanus.

Iratim se senta ao lado de Rouxinol — Olha o que eu achei, o meu é de caminhão! — diz Rouxinol mostrando o tablet para todos. Pouco depois — Quer que eu bote o de pintar? — pergunta ele para Iratim, pois ela estava observando o que ele fazia em seu tablet e o aparelho que ela estava utilizando não tinha todos os jogos dos outros tablets. — Sim... — responde Iratim. — Você sabe colocar? — ela pergunta para Rouxinol. — Sei! — ele responde para ela. Rouxinol demora um pouco e fala — Quer o meu? — se referindo ao seu tablet. — Quero — responde Iratim para ele. Em seguida, eles trocam de tablet e Iratim tem acesso ao aplicativo que ela queria antes.

Foi observado que, embora as crianças demonstrassem um pouco de dificuldade para ligar e desbloquear os dispositivos, em um momento inicial, ora com a ajuda de outras crianças, ora com a ajuda dos/as educadores/as, as crianças buscavam informações que pudessem contribuir para que conseguissem utilizar os aparelhos. Tal como, Sampaio-S (2019) constatou em sua pesquisa que a apropriação das crianças com os artefatos tecnológicos acontece aos poucos, partindo da curiosidade e vontade das crianças em conhecer e explorar os ambientes digitais, propiciando assim, o lançamento delas a novas descobertas e práticas.

3.2.2 Sessão 3

Nesta sessão, foi proposto para as crianças que buscassem outros recursos no tablet, pois as crianças quando pegavam os aparelhos iam buscando majoritariamente por jogos.

— Toca boca — diz Mariposa no recurso de pesquisa por áudio do YouTube. — Olha aqui o toca boca — comenta ela com a Baleia. — Foi isso que você pesquisou? — pergunta baleia. — Como você conseguiu, Mariposa? — irrompe Iratim, se aproximando mais de Mariposa e observando seu tablet, pois ela notou que a pesquisa de Mariposa foi feita com sucesso no aplicativo e seu tablet está sem conexão com a internet. — Ué, falando. Eu queria Toca Boca e eu gosto dele, tem no celular da minha mãe — responde a menina.

Durante as sessões, notou-se a importância das interações das crianças com seus pares, sobretudo quando encontravam algo interessante nos aparelhos ou ao seu redor, criando momentos de partilha das descobertas, tanto entre as crianças, quanto para os adultos - educadores, tal como foi evidenciado por Anjos (2015).

3.2.3 Sessão 4

Nesta oficina, as crianças puderam explorar um pouco mais o artefato tecnológico e usaram os aplicativos para uma atividade direcionada, aliada com a proposta pedagógica da professora. Então elas fizeram registros em foto e vídeo no exterior do colégio no Jardim e utilizaram o YouTube para assistir a um vídeo que tirasse sua dúvida.

Estavam sentados Mariposa, Hamster e Irara juntos. — Perdi! Não acredito que perdi de primeira! — Exclama Hamster, nessa hora Mariposa tinha levantado e saído de perto deles. Iratim se aproxima deles e se senta ao lado de Irara perguntando o que sua colega estava fazendo. — Tô jogando — responde Irara. — Não é pra jogar. — repreende Iratim a sua amiga.

Neste ínterim, — Tô gravando vídeo, tô gravando vídeo — diz Rouxinol, enquanto comemora dançando com seu tablet na mão. Enquanto isso, Irara se aproximou de uma planta que Joaquina estava comentando sobre e começou a tirar fotos dela, pouco depois chegou Iratim para fazer o mesmo.

Ademais, — Olha o que o Halicores perguntou. — fala Joaquina. — O Halicores perguntou se a formiga vira uma aranha, já que a lagarta vira uma borboleta — completa Joaquina, com um ar de riso, igualmente como Baleia e P1 que ficaram ouvindo a fala dela. — Será que a formiga vira uma aranha? — Indaga Joaquina. — Será que a formiga tem metamorfose igual a borboleta? — pergunta Mariposa. Então Joaquina diz — Será? Vamos pesquisar juntos?

As crianças nesta sessão ficaram bastante empolgadas com o que havia sido proposto e utilizaram o recurso da câmera e pesquisa que antes lhes foi proposto. A pesquisa foi feita pela professora em um dos tablets quando lhe foi trazida uma curiosidade de umas das crianças, então a professora escutou a criança e compartilhou a curiosidade dela com a turma, desse modo proporcionou a amplificação do tema agindo de forma não passiva, como dizem as autoras Abramowicz et al. (2024).

3.2.4 Sessão 6

Nesta oficina foi aliada às experiências pedagógicas que as crianças estavam vivenciando nas últimas semanas, a exemplo, atividades realizadas sobre o meio ambiente.

— Lagarta, coloca no jogo da plantinha — recomendou Joaquina. Logo, Lagarta foi

dando seu tablet ao seu PAE Wallaby para que a ajudasse, diante disso, ele devolveu o tablet e na frente da menina ele colocou no jogo que Joaquina havia recomendado, para que ela aprendesse.

— Hamster, por que não usamos jogos que a tia Joaquina trouxe hoje? — pergunta o pesquisador e o menino fica pensando. — Esse aí você já usou. Licença, Hamster, deixa eu colocar pra você, por favor. — disse Joaquina estendendo a mão para auxiliar ele a colocar um dos jogos propostos para a sessão deste dia.

O uso de tecnologias no momento de aprendizagem apresenta-se como forte ferramenta para o desenvolvimento das crianças, porém, o professor deve estabelecer objetivos e critérios para a utilização de tais recursos, pois, Souza *et. al* (2017, p. 49), alertam que a “utilização inadvertida não enriquece as aulas, tornando-se um tempo inutilizado para a construção e a troca de conhecimentos”. Os autores compreendem que utilizar as tecnologias para ensinar “será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino que mantêm distantes professores e alunos” (Souza *et al.* 2017, p. 49).

3.3 USOS DO TABLET

O tablet é o artefato tecnológico central da pesquisa, sendo introduzido no contexto escolar onde a maioria das crianças não tinham contato prévio com este tipo de aparelho.

O uso de tecnologias digitais por crianças pequenas é um tema de debate constante, com argumentos divergentes sobre seus efeitos, ainda mais quando se tem o recorte do uso desses artefatos na Educação Infantil; quando indagado a professora das crianças sobre o que achava do uso das tecnologias digitais na educação infantil, ela respondeu:

“Elas são muito importantes. Assim, são necessárias e são até um direito da criança também, ter o contato, experimentar, opinar, investigar certos aspectos a partir ou usando os recursos, as tecnologias digitais; não só as mais comuns, do cotidiano, mas também algo diferenciado que ela talvez não tenha em casa. Então, elas são importantes, elas são recursos que devem estar mais presentes na Educação Infantil; Infelizmente eu penso que as tecnologias digitais não estão ainda tão presentes, tão acessíveis, nem à disposição das escolas como a gente gostaria ou necessita” (Autor, 2024).

De um lado, há críticas ao uso desses dispositivos, apontando possíveis impactos negativos; de outro, defensores ressaltam as oportunidades de aprendizado e desenvolvimento em várias áreas proporcionadas por essas ferramentas. Entre os que expressam cautela e os que veem potencial positivo no uso das tecnologias, sua presença na vida infantil é inegável.

No contexto familiar, embora o questionário supracitado tenha abordado dispositivos em geral, os usos mais comuns relatados pelos responsáveis (que representam 100% das crianças) são: 100% para assistir vídeos, 87,5% para jogar e 12,5% para outras atividades (por exemplo ligações).

3.4 DESAFIOS E POTENCIALIDADES

Os desafios e preocupações são apresentados principalmente pelos responsáveis, analisando o questionário enviado para os responsáveis legais das crianças da pesquisa.

Tabela 2 - Desafios

Fonte: Responsáveis	Desafios
	87% demonstram preocupação. 100% defendem a exposição controlada às TDIC.
Preocupações Específicas	Limitações de conteúdo, incômodo com ferramentas que propõem conteúdo não indicado para sua idade, sentimento de insegurança com relação à exposição e aos limites das pesquisas online.
Riscos Citados	Fragmentação da atenção e vício.
Controle Parental	50% dos responsáveis não adotam nenhum recurso digital para controle do uso das tecnologias digitais pelas crianças, dependendo somente do cuidado com o conteúdo.

Fonte: Autor, 2024.

Tabela 3 - Potencialidades

Fonte	Potencialidades
Professora	São importantes, necessárias e até um direito da criança ter o contato, experimentar, opinar, investigar certos aspectos a partir ou usando os recursos tecnológicos. devem estar mais presentes na EI.
Responsáveis	62,5% consideram o uso das tecnologias digitais benéfico.
Pesquisa	Trazem oportunidades de aprendizado e desenvolvimento em várias áreas. A exposição digital orientada é vista como benéfica

Fonte: Autor, 2024.

Assim, a pesquisa realizada sobre o uso de tecnologias digitais na educação infantil, com a participação dos responsáveis, destaca a importância de compreender o contato que as crianças têm com as TDIC.

A relação entre crianças e tecnologias digitais é cada vez mais significativa e multifacetada. Desde cedo, as crianças têm acesso a dispositivos como tablets, smartphones e computadores, que se tornaram parte integrante de suas rotinas diárias. Esses recursos oferecem novas oportunidades de aprendizado, estimulando habilidades cognitivas, sociais e emocionais por meio de aplicativos educativos e jogos interativos.

Entretanto, o uso excessivo ou sem supervisão desses dispositivos, segundo Ferreira (2014) pode levar a preocupações sobre dependência e exposição a conteúdos inadequados, levantando a importância do controle e da mediação por pais e educadores. Assim, embora as tecnologias digitais possam ser ferramentas poderosas para o desenvolvimento infantil, é essencial um equilíbrio que permita um uso seguro e consciente.

Um dos desafios principais apontados nas respostas é o recurso do tempo que as crianças dedicam às telas. Souza (2019) reflete sobre os impactos que o uso excessivo dessas tecnologias pode ter no desenvolvimento da criança. Anjos (2015) aponta na mesma direção que muitos responsáveis quanto a possibilidade de dependência por causa da superexposição.

Anjos (2015) fala em seu trabalho essa necessidade de monitoramento por parte dos responsáveis, tanto para o conteúdo quanto para o tempo de exposição e consequências deles provenientes. O uso das ferramentas de controle parental, por exemplo, pode minimizar os danos causados pela exposição, de forma igual ou mais eficaz que a simples supervisão.

A análise das respostas dos responsáveis reforça a necessidade de políticas e práticas educacionais que promovam um uso saudável e enriquecedor das tecnologias digitais desde a infância, para oferecer um caminho de forma que o letramento digital contribua de forma positiva para o desenvolvimento infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação indica que os tablets, quando integrados de forma intencional e pedagogicamente mediada, potencializam experiências de aprendizagem e reorganizam interações entre crianças e adultos na Educação Infantil. Mesmo sem conexão à internet, as crianças engajaram-se criativamente com recursos diversos (foto, vídeo, aplicativos off-line), e, com conexão, mobilizaram buscas orientadas para responder curiosidades do cotidiano, ampliando repertórios e oportunidades de mediação docente. Em paralelo, o mapeamento

junto às famílias revelou alto acesso doméstico a dispositivos, práticas heterogêneas de mediação/controle e preocupações recorrentes sobre tempo de tela e qualidade dos conteúdos — elementos que reforçam a necessidade de diálogo escola–família e de curadoria pedagógica alinhada aos eixos “interações e brincadeiras”.

Os achados também evidenciam desafios estruturais e formativos: infraestrutura tecnológica estável, formação continuada para mediação didático-pedagógica, protocolos éticos de uso de imagem/dados e critérios para seleção de aplicativos e organização de tempos/espacos de uso. Tais condições são determinantes para que as TDIC deixem de ser um fim em si e se convertam em meios para a autoria infantil, a investigação do mundo e o desenvolvimento integral, garantindo o direito das crianças a experiências significativas com tecnologias na EI.

Cumprir destacar que se tratam de resultados parciais, derivados de um recorte de pesquisa realizada em uma única instituição pública situada em região periférica de Maceió/AL, com número reduzido de sessões em campo e retorno parcial de questionários familiares; por isso, não são generalizáveis. Pesquisas futuras devem ampliar o desenho (estudos longitudinais e multicêntricos), adotar métodos mistos, incorporar indicadores de letramento digital e bem-estar, e aprofundar a análise das mediações docentes e das ecologias familiares em diferentes contextos socioterritoriais. Nesse horizonte, seguimos defendendo a integração crítica de tablets e demais TDIC, Cumprir destacar que se tratam de resultados parciais, derivados de um recorte de pesquisa realizada em uma única instituição pública situada em região periférica de Maceió/AL, com número reduzido de sessões em campo e retorno parcial de questionários familiares; por isso, não são generalizáveis.

Pesquisas futuras devem ampliar o desenho (estudos longitudinais e multicêntricos), adotar métodos mistos, incorporar indicadores de letramento digital e bem-estar, e aprofundar a análise das mediações docentes e das ecologias familiares em diferentes contextos socioterritoriais. Nesse horizonte, seguimos defendendo a integração crítica de tablets e demais TDIC, orientada por intencionalidade pedagógica, participação das crianças e garantia de direitos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiane C. Infâncias em Educação Infantil. **Pro-Posições**, Campinas (SP), v. 20, n. 3, p. 317-325, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000300012>>. Acesso em: 20 out, 2025.

ANJOS, C. I. **Tatear e desvendar**: um estudo com crianças pequenas e dispositivos móveis. 2015, 272 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2015. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/1641/1/Tatear%20e%20desvendar%20-%20um%20estudo%20com%20crianças%20pequenas%20e%20dispositivos%20móveis.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

ANJOS, C. I.; FRANCISCO, D. J. Educação Infantil e Tecnologias Digitais: reflexões em tempos de pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 125-146, jan./jan., 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/79007>>. Acesso em: 18 jul. 2024

ANJOS, C. I.; PEREIRA, F. H. Educação infantil em tempos de pandemia: outros desafios para os direitos, as políticas e as pedagogias das infâncias. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 3-20. jan./jan., 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/79179>>. Acesso em: 18 Jul. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer 020/2009. **Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil. Câmara da Educação Básica**. (relator: Raimundo Moacir Mendes Feitosa) aprovado em 11/11/2009. Brasília, 2009. Disponíveis em: <https://www.google.com/search?q=https://portal.mec.gov.br/component/docman/%3Ftask%3Ddoc_download%26gid%3D2097>. Acesso em: 3 mai. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <<https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>>. Acesso em: 3 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2017b. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf>. Acesso em: 20 jun, 2025.

CAMPOS, Maria Malta (coord). **Para um retorno à escola e à creche que respeite os direitos fundamentais de crianças, famílias e educadores**. Brasil: ANPED. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, 2020. Disponível em: <para_um_retorno_a_escola_e_a_creche-2.pdf (anped.org.br)>.

CARNEIRO, Ana C. R., RAABE, André L. A. O Lugar da Informática na Educação Infantil em Documentos Oficiais Brasileiros. **Informática na Educação: teoria & prática**, v. 18, p. 51-66. Jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/46396/34472>>. Acesso em: 1 ago.

2024.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2022 [livro eletrônico]. São Paulo: CGI.br, 2023. 272 p. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20230825143720/tic_domicilios_2022_livro_eletrnico.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2024 [livro eletrônico]. São Paulo: CGI.br, 2025. 140 p. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20250512120132/tic_domicilios_2024_livro_eletrnico.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

FERREIRA, M. G. **A cultura lúdica das crianças contemporâneas na sociedade multitela:** o que revelam as vozes de meninos e meninas de uma instituição de educação infantil. 2014. 401 f. Tese (Doutorado em Educação) - Ensino e Formação de Educadores, Programa de Pós-Graduação da Universidade de Santa Catarina, Florianópolis: 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/129491/331116.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 jul. 2024.

DUARTE, JÉSSICA Francieli Gonçalves; SANTIAGO, Flávio; ANJOS, Cleriston Izidro dos. Tecnologias digitais na base nacional comum curricular para a educação infantil: diálogos entre pesquisa e extensão. **Revista Eletrônica Extensão em Debate**, [S. l.], v. 14, n. 22, 2025. DOI: 10.28998/18236%f%p. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/extensaoemdebate/article/view/18236>. Acesso em: 20 out. 2025.

GARIBOLDI, Antonio. O dia-a-dia educativo em uma pré-escola. In: BECCHI, Egle; BONDIOLI, Anna (Org.). **Avaliando a pré-escola: uma trajetória de formação de professoras**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

GEPPECI. Grupo de Estudos e Pesquisas e Pedagogias e Culturas Infantis. **Webnário Infâncias e Educação Infantil em Tempos de Pandemia**. Maceió (Transmissão online): Universidade Federal de Alagoas, 18 jun. a 01 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC78d98Iz2-iZa0v1W3qSnoQ>>.

GOBBI, Márcia Aparecida; PITO, Juliana Diamante; MELEÁN, Simone Maria Magalhães. Crianças e mulheres e nós-nada: reflexões a partir das vidas em despejo no acampamento Campo Grande do MST. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1255-1280, dez./dez., 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1>>.

MACEDO, Elina Elias. Desigualdade e pandemia nas vidas das brasileiras e dos brasileiros. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1404-1419, dez./dez., 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1404>>.

MELLO, Ana Maria Araújo; NEGREIROS, Fauston; ANJOS, Cleriston Izidro dos. Caderno de Direitos – **Retorno à creche e à escola:** Direitos das crianças, suas famílias e suas/seus educadoras/es - gestoras/es, professoras/es e funcionárias/os. Piauí: FRENTE NORDESTE CRIANÇA/EDUFPI, 2020. 34pp. 17fls. (Círculo Temático Violência e Direitos Humanos -

Subgrupo 8 - Políticas Públicas). Disponível em:

<https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/Caderno_Direitos_-_EDULPI_com_ISBN_20200725103619.pdf>.

OLIVEIRA, Cláudio de; MOURA, Samuel Pedrosa; SOUSA, Edinaldo Ribeiro de. TIC'S na Educação: A utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno. **Revista Eletrônica Pedagogia em Ação**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 75-95. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/pedagogiacao/article/view/11019>>. Acesso em: 19 nov, 2023.

LANZI, L. A. C.; FERNEDA, E.; VIDOTTI, S. A. B. G. **Leitura e TICs: a hora do conto utilizando tablet**. 4º. Seminário em Ciência da Informação: Ciência da Informação: ambientes e práticas na contemporaneidade. Londrina, PR, 2011.

PERSICHETO, Aline Juliana Oja; PEREZ, Marcia Cristina Argenti. Aprendizagem na infância: diálogos entre os referenciais curriculares nacionais para a Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e a Base Nacional Comum Curricular. Muiraquitã: **Revista de Letras e Humanidades**, Rio Branco, v. 8, n. 1, p 96-111, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.29327/210932.8.1-4>>. Acesso em: 25 jul, 2025.

PESCADOR, C. M.; VALENTINI, C. B. Inclusão digital em uma escola do campo: movimentos provocados a partir da implantação de uma política pública no modelo 1:1. Caxias do Sul. **Iberoamericana de Educación**, v. 79, p. 135-154. Fev. 2019. Disponível em: <<https://rieoei.org/RIE/article/view/3409/4026>>.

SANTOS, Solange Estanislau dos; SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira. O ano que não tem fim: as crianças e suas infâncias em tempos de pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1177-1187, dez./dez., 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1177>>. Acesso em: 4 out. 2025.

SAMPAIO-S, Joseilda. **Brincar em tempos de tecnologias digitais móveis**. 2019. 471 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28762>>. Acesso em: 5 jul. 2024.

SANTOS, Noélia Rodrigues dos; JOAQUIM, Sivaldo; ANJOS, Cleriston Izidro dos. Recursos digitais em pesquisas com e sobre crianças na primeira infância: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 170-179, 2023.. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/134343>>. Acesso em: 1 ago, 2025.

SOUZA, J. A. de et al. A importância das Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC) como ferramenta pedagógica na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Mosaico**, Vassouras, RJ, v. 8, n. 2, p. 48-50, 2017. Disponível em: <<https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1169/pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2025.

SOUZA, J. S. **Brincar em tempos de tecnologias digitais móveis**. 2019. 471 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/28762/3/Joseilda.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SOUZA, Marcia Lucia Anacleto de. Quais as crianças da base nacional comum curricular? Um olhar para as “culturas” sem diversidade cultural. **Debates em Educação**, Maceió, v. 8, n. 16, p. 136-156, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2016v8n16p136>>. Acesso em: 1 ago. 2025.

TAKAKI, N. H. **Letramentos na sociedade digital**: navegar é e não é preciso. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

TAVARES, Maria Tereza Goudard; PESSANHA, Fabiana Nery de Lima; MACEDO, Nayara Alves. Impactos da pandemia de covid-19 na Educação Infantil em São Gonçalo/RJ. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 77-100, jan./jan., 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e78996>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

VALLETTA, Débora V. **Desenvolvimento Profissional Docente no Contexto da Aprendizagem Ubíqua**: um modelo para o Ciclo de Formação Continuada. 2015, 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7696/1/000476472-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ZANARDES, Cássia Vânia Lucas. **Um olhar sobre o uso de tecnologias digitais no atendimento educacional especializado**: educação precoce do sistema público de ensino do Distrito Federal. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/31908>>. Acesso em: 1 set. 2024.